



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ARTUR CIRINO DA SILVA

A FELICIDADE EM ARTHUR SCHOPENHAUER

Campina Grande - PB

2017

ARTUR CIRINO DA SILVA

A FELICIDADE EM ARTHUR SCHOPENHAUER

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Filosofia da Universidade
Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
Filosofia.**

**Orientador: Professor Mestre
Fernando Monteiro**

Campina Grande – PB

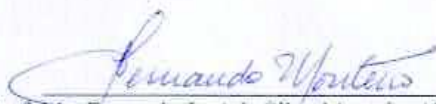
2017

ARTUR CIRINO DA SILVA

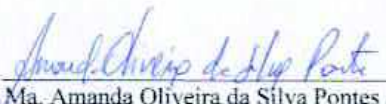
A felicidade em Arthur Schopenhauer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

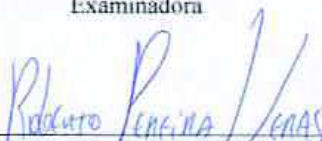
Aprovado em 10/04/2017.



Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro / UEPB
Orientador



Profa. Ma. Amanda Oliveira da Silva Pontes / UEPB
Examinadora



Prof. Me. Roberto Pereira Veras / UEPB
Examinador

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586f Silva, Artur Cirino da
A felicidade em Arthur Schopenhauer [manuscrito] / Artur
Cirino da Silva. - 2017.
21 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro,
Departamento de filosofia".

1. Filosofia 2. Felicidade 3. Sociedade I. Título.

21. ed. CDD 146.4

SUMÁRIO

Introdução	6
1 – A felicidade em Arthur Schopenhauer	7
2 – A Vontade	9
3 – A objetivação da Vontade	10
4 – A sociedade como palco da Vontade	11
5 – Os entraves à liberdade	12
6 – A supressão da Vontade	14
7 – O ascetismo	15
8 – Liberdade e Felicidade	18
9 - Considerações Finais	19
Referências	21

RESUMO

O texto busca analisar o conceito de felicidade na filosofia de Arthur Schopenhauer. Para tal, volta-se à compreensão da liberdade e, por conseguinte, ao seu maior entrave: a Vontade, identificada pelo filósofo como essência ou a coisa-em-si kantiana. Aprofunda, portanto, o estudo no que tange ao recurso da ascese, ferramenta utilizada para a supressão da Vontade, bem como sua variante: a contemplação estética. Põe em destaque a diferença entre indivíduo e sujeito do conhecimento, condição fundamental para se alcançar a dimensão ascética. Com a supressão da Vontade, o texto se volta, então, a discorrer sobre a felicidade, seu objetivo precípuo.

Palavras-chave: Felicidade, Liberdade, Vontade, Ascese.

Introdução

A felicidade, tema do presente artigo, parece ser preocupação constante do ser humano desde a antiguidade, haja vista a postura aristotélica ao discorrer sobre o tema. Evidentemente, a felicidade é, de fato, algo buscado por todo ser humano, contudo, para o trabalho em pauta, restringir-nos-emos às considerações de Arthur Schopenhauer.

Diferentemente de Aristóteles, Schopenhauer vê a felicidade como imprecisão e declara que a mesma não é factível num mundo identificado como palco de sofrimentos e dor. Como o filósofo propõe uma saída do mundo, o presente trabalho propõe-se, então, a pesquisar como seria possível a felicidade e, conseqüentemente esse estar fora do mundo.

A presente pesquisa deve ser caracterizada como qualitativa, teórica e descritiva, haja vista valer-se de documentos bibliográficos do próprio autor, bem como de obras e *papers* de comentadores. O método empregado foi o hermenêutico, isto porque, foi realizada uma análise interpretativa dos textos compilados.

Em termos do presente documento, um artigo acadêmico, optou-se pela confecção em tópicos. Em um primeiro momento discorre-se sobre o conceito de felicidade segundo Arthur Schopenhauer. Em seguida realiza-se uma análise sobre o conceito de Vontade, na verdade a essência de tudo, identificada pelo filósofo. No terceiro tópico, discorre-se sobre o modo como esta Vontade se torna objetiva. Em seguida procura-se mostrar como a Vontade se vale da sociedade. De acordo com Schopenhauer, a Vontade

mostra-se como empecilho à liberdade e à felicidade, portanto, no quinto tópico o estudo volta-se à supressão da Vontade. Da qual, só é possível através da ascese, no sexto tópico, discorre-se sobre o ascetismo. Por fim, como se constatará no último tópico, o recurso do ascetismo deve proporcionar a liberdade, e, por conseguinte a felicidade.

Com isso, espera-se ter satisfeito a contento o propósito do presente artigo, discorrendo de modo eficaz sobre todo o processo ideado pelo filósofo para se assimilar a possibilidade da felicidade.

1 - A felicidade segundo Arthur Schopenhauer:

A felicidade foi definida por Schopenhauer (2001, p.56) como “satisfação sucessiva de todo nosso querer”, o que de certo modo se manifesta como uma “tendência”; na verdade, somos possuidores apenas de uma “tendência” à felicidade, visto que esta “tendência” coincide com nossa existência, cuja essência é a Vontade¹.

Em sua filosofia, Schopenhauer nos esclarece que a Vontade sempre será predadora da felicidade. A felicidade, sempre perseguida por desejos e prazeres tumultuados dentro de um ser que anseia realizar-se, torna a felicidade mesma momentânea e limitada apenas aos momentos do querer, e, conseqüentemente da realização alcançada, o que leva o ser humano a desejar novamente, transformando aquela vontade, anteriormente de suma importância, em algo passageiro; algo não mais presente como excelência, dando lugar a novas vontades e desejos que se expressam como supremos antes mesmo de realizados, e que perante a realidade existencial de ser um ser de querer, só terá felicidade se satisfazê-los. Portanto, é perante essa realidade irremediável do ser humano que Schopenhauer entende que a existência humana não possui ou possuiria uma felicidade verdadeira, porque a Vontade se efetiva no ser essencialmente como sofrimento, seja por diversos meios e fenômenos, onde tudo que o homem possa criar para fugir desta

¹ Optou-se por utilizar o termo Vontade em letras maiúsculas para entendê-lo com a essência identificada por Schopenhauer. A vontade em letras minúsculas, deve ser entendida como algo particular, uma volição.

realidade natural jamais será possível, mesmo com a criação de demônios ou deuses.

A felicidade é vista pelo filósofo como imprecisão, pois que ao longo de toda a história jamais se chegou a um acordo conceitual sobre a mesma. Pode-se até partilhar a ideia de que a felicidade é um sentimento que envolva alegria plena. Todavia, cada ser humano a vislumbra pelas mais diferentes razões e vieses. Há ainda os que afirmam que a felicidade nem mesmo é um estado, mas sim uma efêmera percepção. Para Schopenhauer, a felicidade mundana, que difere em muito da verdadeira felicidade, estaria estritamente vinculada à paz interior e não à alacridade ou brejeirice.

Essa paz interior pode ser alcançada de diversas maneiras. Por exemplo: em se evitando a inveja, pois se trata de força negativa; no empenho em nossos afazeres, pois que estes nos premiam com suas realizações; ser permissivo com a alegria e não com o culto ao sofrimento; colocar limites às fantasias, porque a “imaginação produz monstros” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 85); erradicar situações que levem à infelicidade, pois estas são fontes de outras dificuldades; valorizar o que temos, quando outros nada possuem; fazer planos, pois estes suscitam entusiasmo, bem como cultuar a aprendizagem, o que implica crescimento e evolução; tratar da saúde, porque a doença altera nossa perspectiva diante da vida; o reconhecimento das próprias falhas e defeitos e com eles aprender e nos corrigir; preparamo-nos para a velhice com suas limitações e vulnerabilidades, etc.

Do exposto, percebe-se que essa paz interior proposta por Schopenhauer não se confunde com a felicidade. Mesmo que a paz interior aponte para uma espécie de vida ética, essa ética estaria ínsita no mundo, ao passo que a felicidade estaria desvinculada do mundo. “A vida no mundo é o caminho mais errado para a felicidade”. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 88). E onde encontrarmos então a felicidade, já que o mundo não é o lugar ideal para tal realização? Há a possibilidade de se experienciar a felicidade estando ainda no mundo? Afinal, o propósito da vida pode ser a felicidade, mas tal propósito culmina em seu contrário: na infelicidade, pois que a busca mesma da felicidade é algo infeliz, isto porque o mundo mostra-se submetido à Vontade. Então, para que se desfrute da felicidade, faz-se mister suprimir a Vontade. E

como suprimir a Vontade, já que essência? Segundo o filósofo, “quem vive no mundo não conhece a liberdade”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 316). E o que é estar fora do mundo para Schopenhauer? Segundo sua filosofia expressa, estar fora do mundo não é literalmente deixar de viver, deixa de existir no mundo, mas apenas negar toda forma de representação fenomênica da vontade que nos coloca na condição de indivíduos, conseqüentemente condicionados por meio da vontade que é controladora deste mundo, nos impulsionando ao constante sofrer, sair deste mundo nos torna apenas conhecedores do mesmo, e não mais um ser dependente deste.

2 - A Vontade

Schopenhauer entendia a Vontade como a essência de tudo que nos cerca, inclusive como essência humana. Ela estaria presente em tudo: seja em todas as leis das ciências da natureza, bem como em seus fenômenos. Poderíamos, inclusive, entender a força determinista da Vontade na pulsão sexual freudiana. Contudo, essa mesma Vontade, por sua característica de extrema liberdade - pois não conhece obstáculos às suas determinações - acaba por criar uma série de dificuldades aos seres humanos, que também aspiram por sua liberdade, mostrando-se como fonte inesgotável de sofrimentos.

A vontade, esta não é, ela mesma, nem fenômeno, nem representação, nem objeto, ela é a coisa-em-si, e, por conseguinte, escapa ao princípio de razão suficiente, essa lei formal de tudo que é objeto; para ela não existe princípio donde ela possa deduzir-se e que a determine; para ela não existe necessidade: ela é livre. Tal é a noção de liberdade, noção essencialmente negativa, reduzida que é a ser a negação da necessidade, a negação da ligação de consequência a princípio, tal como o princípio de razão suficiente impõe (SCHOPENHAUER, 2005, p.378). [...] chamar à Vontade livre, para em seguida lhe impor leis, leis segunda as quais tem que querer; Tem que querer! (ibid., p. 359)

O querer humano encontra, invariavelmente, uma forte barreira imposta pela sua própria essência, ou seja, a Vontade. Segundo Schopenhauer (2005), o livre-arbítrio do ser humano faculta-o a fazer o que quiser, mas ele não tem liberdade para querer o que quer. O querer em si, portanto, é nada mais que

expectativa. E isso se revela como erro e ilusão, pois o querer é nada mais que ilusão.

Não obstante, a Vontade ser não só a essência, mas também a fonte de todo sofrimento, o ser humano ainda busca alcançar felicidade e, em face de seus muitos desejos, dar azo à satisfação de seus prazeres. Seria concebível, portanto, minimizar o sofrimento humano, mesmo que seja por breves momentos, “sufocando” esta Vontade, que se revela como essência? Ora, a felicidade não estaria vinculada à satisfação dos desejos, posto que, segundo o filósofo, a satisfação de um desejo originaria outros mais. A um desejo satisfeito segue-se outros; nossa vida, de acordo com o filósofo se assemelharia a um pêndulo, pois oscila entre o desejo e o tédio (SCHOPENHAUER, 2005). Será que nós, seres livres e “caçadores de momentos”, partindo da filosofia de Arthur Schopenhauer, podemos nos valer da Vontade, nossa própria essência, como um meio para a busca da felicidade, mesmo que seja uma felicidade momentânea, algo efêmero, sobre a qual já sabemos que durante a existência humana sempre será limitada? E como se pode perceber esta “presença” da Vontade? Ora, a Vontade se objetiva.

3 - A objetivação da Vontade

Nos irracionais, como características naturais dos animais, a objetivação da Vontade revela-se no nível do instinto. Os animais nascem, crescem, caçam, procriam e morrem; vivem o momento presente, e a morte lhes chega de modo natural. Nos momentos de perigo, a ideia da morte lhes chega intuitivamente. O homem, por outro lado, a partir da capacidade de memorização e assimilação de momentos passados, cria expectativas futuras. Essa capacidade de abstração o leva a ter consciência de toda e qualquer manifestação fenomênica que o circunda, inclusive a morte que há de alcançá-lo inexoravelmente, ameaçando destruir sua existência. Por isso mesmo, o homem revela-se como a perfeita objetivação da vontade. “Eis porque o homem, a mais perfeita das formas objetivas da Vontade, [...] de todos os seres o mais assediado por necessidades, [...] necessidades aos milhares” (SCHOPENHAUER, 2005, p.412). Mas, independente se irracional ou racional,

todos os seres estão entregues à natureza, e, logo, aos caprichos da Vontade objetivada.

O indivíduo, refém da natureza, ciente de sua morte, usa os prazeres como um meio de arrefecimento. O ser humano busca em primeiro lugar a autoconservação; ao julgar-se realizado, busca procriar, imortalizando-se através do outro de mesma espécie. O sexo nada mais é do que uma determinação da Vontade objetivada na natureza. A atividade sexual manifesta apenas a insatisfação e voracidade da Vontade. Em geral, chama-se prazer ao desejo realizado de acordo com a Vontade; quando o desejo não é realizado chamamo-lo sofrimento, na verdade uma agressão à Vontade.

Pode-se perceber, portanto, que a Vontade se expressa e objetiva em múltiplas representações, o que suscita, por conseguinte, uma infinidade de volições não realizadas e que permeiam a existência de sofrimentos. Schopenhauer propõe-nos que a essência pauta-se na perpetuidade de sofrimentos, pois que o mundo - a vida - está eivado de sofrimentos, de exasperações, de expectativas. No entanto, os sofrimentos desfrutam de relativa importância, porque se tudo se realizasse facilmente, o perigo maior seria o tédio.

E o tédio faria dos seres humanos pessoas irascíveis e insuportáveis. Logo, a Vontade, apesar de provocar dores e sofrimento, mostra-se como necessidade no sentido de dar maior equilíbrio à existência humana.

4 - A sociedade como palco da Vontade

A criação de expectativas futuras é amiúde estimulada pela sociedade. A leitura e a compreensão da filosofia schopenhauereana nos torna conhecedores dos limites impostos pela sociedade e pelo próprio homem, seja diante das suas ações em virtude de seu comportamento social e ético, seja diante da sociedade que estabelece como se deve viver e ser feliz. A religião estabelece dogmas e regras que prometem uma felicidade eterna e futura; na verdade uma vida pós-morte premiada pelas boas ações e bons comportamentos que porventura tenham sido desempenhados. Schopenhauer,

contudo, elogia a ética cristã. “A mais vizinha de nós entre todas estas doutrinas é o cristianismo, cuja moral é animada pelo mesmo espírito, não só pelo espírito de caridade, levado a seus limites extremos, mas pelo espírito de renúncia”. (SCHOPENHAUER, 2005, p.513). “Entretanto, opõe-se ferrenhamente aos discursos religiosos que prometem recompensas ou penas post mortem a seus incautos seguidores”. (MONTEIRO, 2009, p.43). Tal expediente limita o ser humano, inibindo-o em suas vontades particulares. O próprio homem, respaldado no receio que lhe foi introjetado, temendo arrependimentos e/ou infelicidades, se autobloqueia, se anula. Mas a vontade de vida sempre fala mais alto à razão humana. Então seus instintos o condicionam a viver como ser que deseja, como um ser volitivo. A filosofia de Schopenhauer torna o homem conhecedor de sua própria natureza, e a partir disto ele próprio delibera suas ações em limites ideológicos, não obstante sua satisfação e felicidade momentâneas de prazeres realizados, ciente de que os mesmos tornar-se-ão reincidentes após as suas realizações.

A maior dificuldade do homem em obter as satisfações de seus desejos e de assim alcançar os seus momentos de felicidade reside justamente no moralismo (falsa moral) pregado e impregnado na sociedade, haja vista os conceitos de moral e de ética, aliado a ideologias sociais e dogmáticas, que privam seres humanos de suas vontades. Esta privação é a base de todo sofrimento que envolve o homem nas suas relações com o mundo e com o outro, e até mesmo com o seu objeto de desejo. Estas máscaras sociais ou dogmáticas se encaixam perfeitamente nos “disfarces” dos instintos e dos comportamentos íntimos de todo e qualquer indivíduo que, além do sofrimento natural por não realizar todas as suas vontades, sofre ainda bem mais durante sua existência pela insistência em mascará-las.

Até o momento observou-se que a Vontade determina, orienta e, ipso facto, traz sofrimentos aos seres humanos dos quais é essência, pois que por conta de sua total liberdade, acaba criando obstáculos às liberdades particulares. E como fazer para que o ser humano experimente, enfim, a liberdade?

A liberdade que Arthur Schopenhauer, expressa em sua obra *O Mundo como Vontade e Representação* é dualista no sentido de que a liberdade se apresenta tanto como fenômeno de uma vontade individual, quanto como coisa-em-si. Segundo Kant, a liberdade é de essência noumênica ou inteligível do homem. Para Schopenhauer (2005, p.378) “[...] a Vontade em si mesma, ou seja, o noumenon, é livre, o que se segue de sua própria natureza, a forma de todo fenômeno”. Na concepção de Schopenhauer a liberdade é como fenômeno e objetividade individual, pois a liberdade se encontra fixa e determinada de modo imutável, pertencente à cadeia das causas e dos efeitos. Deste modo, a liberdade das ações humanas não existe, pois segundo o filósofo o nosso entendimento não consegue prever o que a Vontade determina, porque no momento de decidir, entendimento e Vontade estão incomunicáveis. As determinações da Vontade são desconhecidas do intelecto.

Diante disto pode-se inferir que nada decidimos no momento da Vontade, pois a mesma já decidiu. A nossa razão fica relegada a uma divisão de motivos quanto à escolha da decisão por si mesma. Esta decisão por si mesma pertence apenas à Vontade, e a nossa razão trata esta decisão apenas como uma curiosidade, algo advindo de outra pessoa. Neste caso, qualquer decisão tomada poderia ser possível, e nada, além disto, poderia ser criado pela própria razão; o que há é uma ilusão da liberdade empírica do querer, mas que a Vontade, por anteceder a razão, é impenetrável.

Contudo, através da impenetrabilidade da Vontade, chegamos a achar que somos livres em dominá-la ou evitá-la, mas não temos essa opção. Embora não tenhamos a liberdade de dominar a Vontade, sentir-nos-íamos livres se a Vontade mesma se calasse. Mas calar a Vontade não advém da liberdade que dela se origina, e sim de uma determinação individual. Portanto, não somos livres, apenas mascaramos nossas decisões; a própria Vontade decide o que é melhor, e toda complexidade está na nossa razão de ser forçada a atendê-la, caso contrário, sofremos.

Então estaríamos fadados a não liberdade? Vejamos, é bem verdade que em “*O Mundo como Vontade e Representação*”, Schopenhauer opõe à Vontade à Representação, fazendo da Vontade uma força incognoscível. Esta objetivação da Vontade - a representação - se revela como fenômeno ou aparência. Precisamos, segundo Schopenhauer, torná-la de nossa

“conveniência”, pois que o único recurso para nos distanciarmos dos sofrimentos é a razão. Mas como? Usando a razão para suprimir a Vontade.

6 - A supressão da Vontade

Deve-se observar que a Vontade acaba por opor-se a si mesma enquanto representação - seu caráter de irracionalidade -, pois ao transformar o mundo num vale de lágrimas e trazer sofrimento aos indivíduos, fere-os como representação. Ora, a dor e o sofrimento, apesar de essência da vida, não estão afeitas ao intelecto. Resta, portanto, ao ser humano, fazer uso do intelecto, da razão, para que este se imponha diante da Vontade, com o objetivo precípua de suprimi-la. Esta é apenas a necessidade imposta para se poder desfrutar da liberdade. No entanto, uma pergunta faz-se pertinente: como calar a Vontade se ela foi identificada como coisa-em si? E Schopenhauer (2005, p. 366) nos responde: “a Vontade não teria qualquer semelhança com o Absoluto; ela seria a coisa-em-si somente em relação à representação”. O que vem confirmar que Schopenhauer opõe à Vontade ao mundo da representação.

O filósofo, então, estabelece uma condição fundamental para tornar tal empreendimento possível: abandonar a esfera de indivíduo e tornar-se sujeito. É pertinente lembrar que Schopenhauer estabelece uma diferença entre sujeito e indivíduo. Em uma relação epistemológica – objeto tratado em sua obra, na verdade sua tese de doutoramento, que tem por título “Da Quadrupla Raiz do Princípio de Razão Suficiente” (1989) - é imprescindível ao objeto o tempo, o espaço, a causalidade e o princípio de razão suficiente para ser percebido. Ao sujeito não; o sujeito é a condição do conhecimento, “é o correlativo necessário do objeto” (SCHOPENHAUER, 2005, p.368). O sujeito, enquanto corporeidade, ou seja, ligado ao corpo, torna-se indivíduo. O corpo é fonte de preocupações, objetivação da Vontade, uma representação. “Enquanto estiver ligado ao seu corpo, esse sujeito é indivíduo”. (PERNIN, 1995, p.72).

O pensamento de Schopenhauer, no que se refere à concepção de fugirmos da dor e do sofrimento pela negação do querer, renunciando aos ditames da Vontade, estes que se nos oferecem como desejos, prazeres e

satisfações necessárias, trás uma proposta ímpar. O que de fato ocorre é que não conseguimos dominá-la, pois a própria Vontade antecede a nossa razão e se mostra como puro instinto de vida, proporcionadora tanto da existência com da destruição da mesma. A Vontade é livre, e os seres são dela prisioneiros porque existentes no mundo de fenômenos e representações; os seres humanos se tornam presos e ligados à Vontade, como vontade de vida, naturalmente e instintivamente. Porém, segundo Schopenhauer, podemos recusar tal condição e não ceder a seus desmandos ou supostas necessidades, fugindo da dor pela negação das satisfações como modo de driblar a Vontade, mesmo que, não a obedecendo se mostre como dor e um sofrimento.

A razão deve ser condicionada a não obedecer a Vontade, e para isso deve-se abandonar a condição de estar no mundo como fenômeno e representação. Não consumando suas determinações, a mesma - a Vontade -, deixa de ser necessária à satisfação dos desejos transitórios. Esse processo, desde que executado com dedicação pelo total abandono dos desejos e dos prazeres, torna-os fúteis, proporcionando menor dependência ou necessidade em realizá-los. “Sem a negação completa do querer, não há salvação verdadeira, libertação efetiva da vida e da dor” (SCHOPENHAUER, 2005, p.526). Mesmo assim, não implica que no início da jornada o homem não sofrerá, pois a Vontade buscará novos fenômenos e novos desejos para tornar o homem escravo e dependente do querer, condicionando-o sempre a necessidade de novas realizações. A solução proposta por Schopenhauer no que tange ao sofrimento e à dor, originado na Vontade, é justamente negá-la, tornando os seres humanos conhecedores da coisa-em-si. Tal condição amaina os ditames da Vontade, pois que esta se torna desvinculada do prazer que fazia dos seres humanos presas involuntárias.

A fuga do gozo dos prazeres enfraquece a Vontade, a ponto da mesma não mais ter o domínio, apesar de os indivíduos ainda ansiarem pela Vontade apenas como fonte de vida. Deste modo, foge-se da Vontade não mais permitindo que a razão se torne reflexos da mesma. Os seres não mais são reféns; os seres tornam-se donos de si.

As modificações propostas, ou seja, a renúncia do homem à submissão da Vontade e de ser seu “servo” abnegado, o conduz irremediavelmente ao ascetismo, pois que ele acaba se tornando indiferente ao querer, característica da negação da Vontade. Não obstante, nesta condição, percebe-se algo como uma contradição: a independência do próprio ser e, por outro lado, seus anseios instintivos postulados pela Vontade em nome da natureza. O fato do ser humano ser conduzido ao ascetismo dá-se justamente pela negação dos desejos do corpo, para que assim possa fugir da individualidade, dando lugar aos interesses da espécie, à universalização do amor, ao acúmulo de riquezas e bens. Por conta dessas futilidades até os mais próximos - familiares e amigos - são renegados e afastados por culpa exclusiva das satisfações dos desejos do corpo. Por isso, Schopenhauer põe este ascetismo como destruição do querer, e que só pode ser possível com a total renúncia aos prazeres que apenas proporcionam sofrimentos.

[...] a negação da vontade de vida mostra-se quando aquele conhecimento leva o querer a findar, visto que, agora, os fenômenos particulares conhecidos não mais fazem como motivos do querer, mas o conhecimento inteiro da essência de mundo, que espelha a Vontade, e provém da apreensão das ideias, torna-se um quieto da Vontade e, assim, a Vontade suprime a si mesma livremente. (SCHOPENHAUER, 2005, p.369-370).

Uma primeira condição para se superar as determinações da Vontade e galgar a condição de sujeito, abandonando, portanto, a condição de indivíduo é a contemplação estética. Schopenhauer vê na arte, principalmente na música, uma condição, mesma que efêmera, para abandonar o mundo das representações e vivenciar as ideias. Na contemplação, no arrebatamento provocado pela música e/ou contemplação da obra de arte, o ser esquece sua condição de indivíduo, condição *sine qua non* pode tornar-se sujeito puro do conhecer, isto é, aquele que é capaz de contemplar a Vontade, a essência, de um plano superior e não mais estar a ela submetido.

Assim, é na música, mais do que nas demais artes, que Schopenhauer identifica o bálsamo para mitigar os sofrimentos que castigam a existência. Sim, porque as obras de arte, quando conseguem expressar a objectividade da Vontade, ou seja, sua expressão maior, conseguem enlevar o ser humano, arrancá-lo de seu encarceramento do mundo como representação - esta fonte de angústias e decepções - e lançá-lo numa dimensão puramente estética. (MONTEIRO, 2009, p.35).

Evidentemente que essa condição é algo momentâneo, pois subsistirá enquanto em presença do objeto contemplado. Para que a condição de sujeito do conhecimento perdure, faz-se necessário a renúncia. Mas na realidade nem todos os seres humanos são capazes de tal renúncia, pois sofrem pelos desejos não realizados; no aderir ao ascetismo todos os desejos terão que ser recusados, pois este é o único modo de se alcançar verdadeiramente a liberdade que nos afasta de todo o querer. O desespero pela existência como vontade de vida naturalmente se finda, exercendo assim a mesma purificação exercida pela dor. Mas tal purificação vem servir ao homem, de modo que ele perceba que seus esforços são inúteis em continuar a viver perante a representação da Vontade, pois só a dor conduz a resignação humana, tornando possível a impossibilidade de querer. Logo, segundo Schopenhauer, o único modo de fugir constantemente da Vontade como querer, isto é, da existência humana, é o ascetismo. É a partir do ascetismo que se experimenta a verdadeira liberdade, o abandono das representações e dos fenômenos impostos pela Vontade e seus gozos momentâneos; abandona-se o querer viver condicionado pela Vontade, para assim chegar a total libertação.

Schopenhauer propõe a supressão da Vontade que é a fonte de todo sofrimento. Todavia, alguns entendem, amiúde, tal supressão como uma apologia ao suicídio. Contudo, o filósofo declara que revela egoísmo avassalador todo aquele que busca no suicídio uma saída para seus sofrimentos. Na verdade, ele quer extinguir o indivíduo, a mera representação; o seu egoísmo se mostra como obstáculo para atingir a condição de sujeito.

E inversamente, aquele a quem o fardo da vida pesa, que amaria sem dúvida a vida e que nela se mantém, mas maldizendo as dores, e que está cansado de aguentar a triste sorte que lhe coube em herança, não pode esperar da morte a sua libertação, não pode libertar-se pelo suicídio: é graças a uma ilusão que o sombrio e frio Orco lhe pareça o porto, o lugar de repouso. A terra roda, passa da luz às trevas; o indivíduo morre; mas o sol brilha com esplendor ininterrupto, num eterno meio-dia. À vontade de viver está ligada a vida: e a forma da vida é o presente sem fim; no entanto os indivíduos, manifestações da Ideia, na região do tempo, aparecem e desaparecem semelhantes a sonhos instáveis. O suicídio aparece-nos, pois, como um ato inútil, insensato. (SCHOPENHAUER, 2005, p.370).

Ao negar-se qualquer realização às imposições da Vontade fica evidente a negação da própria Vontade, e com isso, ela mesma se aniquila. Tem-se agora uma inteligência que vai além de si mesma, que se impõe e busca pela essência das coisas, ao mesmo tempo em que não se entende como única, que assimila posições contrárias. Esta nova dimensão inteligível objetiva a equidade, não mais diferencia vítimas e algozes, afasta todo e qualquer manifestação do querer, torna-se livre da individualidade, assimila as dores do mundo. O véu de Maya - o véu da ilusão - foi rompido. Despontam a compaixão - mitleiden - o sofrimento é partilhado; o princípio de individuação foi afastado.

Este princípio da individuação, o principium individuationis, em sua corporeidade, sofre o assédio da Vontade, pela qual o mundo se revela como sofrimento e dor. Então ele tenta criar nova realidade, mas a tentativa de criar outra realidade só se dá através do viés da subjetividade, ou seja, com a presença do indivíduo, que permanece refém da Vontade. A criação da meta-realidade é simplesmente viver uma ilusão na tentativa de mascarar outra ilusão.

Já o eu identifica-se no outro, no todo vivente; o eu não é pessoal; o eu incorpora as dores do mundo. Aqui é pertinente lembrar que um dos princípios da ascese mística prega que o abandono do eu proporciona a invulnerabilidade. Evidencia-se a caridade, a piedade. “Toda caridade pura e sincera é piedade, e toda caridade que não é piedade é apenas amor próprio” (SCHOPENHAUER, 2005, p.499).

Ao abandonar-se o princípio de individuação já não mais se distingue um este ou um aquele, mas sim outro. A Vontade está apenas em estado de latência; os seres são tomados pela abnegação, tornam-se resignados e invadidos pela paz. Aqui já não se trata mais de virtude, mas sim de ascetismo. A vida, bem como sua torpe essência desvinculou-se; é patente a indiferença ao querer. Os prazeres mundanos, as preocupações do dia-a-dia já não causam espécie. Ultrajes e agressões não mais atingem àquele que renunciou à vida. Ao renunciar a si mesmo, renuncia-se a vida, e ao renunciar a vida, torna-se a vida possível de ser vivida. Com a Vontade aplacada, o ser mostra-se calmo, serenado e distante das preocupações cotidianas de um mundo caótico e estúpido; ele então pode usufruir da total liberdade.

Ao se falar em liberdade é bom que se tenha em vista sua definição mais elementar, ou seja, a liberdade é a ausência de qualquer obstáculo. Pelo que acima foi demonstrado, pode-se observar que, enquanto vinculado ao mundo das representações, tal liberdade mostra-se irrealizável, haja vista as determinações da Vontade, da coisa-em-si, que lhe serve de obstáculo. Contudo, no decorrer do trabalho em pauta, e segundo Arthur Schopenhauer, tal sujeição à Vontade é possível de ser superada, e isto através de sua supressão com o recurso da ascese.

O ser humano, então, mostra-se livre de qualquer determinação; ele não é mais indivíduo, mas sim sujeito do conhecimento, o Puro Olho do Mundo. O ser humano pode, enfim, desfrutar de sua liberdade; ele não mais se vê como outro no mundo, mas incorpora o próprio mundo. Nesta condição, o homem não mais convive com a necessidade; houve um afastamento do princípio de razão suficiente, o que pressupõe o afastamento do indivíduo, que tem por característica a submissão à Vontade. O ser humano abandona o querer e a tudo mostra-se indiferente; o sofrimento não mais se apresenta; a ofensa é bem-vinda. Logo, o ser humano pode viver intensamente a liberdade.

Ora, no desfrutar da plena liberdade, pressupõe-se a felicidade. Não a felicidade mundana que pode ser confundida com a paz interior. A paz interior, colocada pelo filósofo, seria apenas um “manual de convivência” voltado às relações sociais, de modo a minimizar o sofrimento num mundo que tem por apanágio o próprio sofrimento. Segundo Schopenhauer, a verdadeira felicidade não pode ser desfrutada no mundo, mundo este das representações e sujeitos à Vontade, sua própria essência. Neste passo, podemos perceber que, quando a liberdade foi alcançada, pois que o ser humano abandonou sua condição de individuação, abandonou também a igual condição de representação e fenômeno, e, portanto, desfruta da felicidade. Doravante, o ser humano está fora do mundo; ele se posta acima da própria Vontade; ele pode observar sua própria essência; ele desligou-se do mundo. Eis a felicidade!

9 - Considerações finais

No decorrer do presente trabalho, pautado eminentemente no pensamento de Arthur Schopenhauer, procurou-se demonstrar toda a “odisseia” necessária para se alcançar a liberdade, e, conseqüentemente, a felicidade, pois que liberdade e felicidade se mostram como conceitos correlatos. Quem desfruta da liberdade, desfruta igualmente da felicidade.

Outrossim, a condição para alcançar a liberdade, bem como a felicidade, se revelou como um processo. De início, identificou-se que a felicidade mostrava-se inexecutável, já que tratada somente pelo viés do mundo fenomenal. Reconheceu-se, então, que seria necessário discorrer sobre o conceito de liberdade colocado por Schopenhauer, para entender-se como é possível desfrutar da verdadeira felicidade. Com isso, objetivou-se o estudo mais acurado acerca da Vontade, entendida como essência e obstáculo à liberdade.

Todavia, para que a liberdade seja alcançada, segundo o filósofo, faz-se necessária a supressão da Vontade. E esta supressão implica diretamente no emprego do recurso da ascese, pois que se faz mister o abandono da condição de indivíduo para tornar-se sujeito do conhecimento. O *principium individuationis*, por sua vez, revela-se como impedimento, pois que nesta condição o indivíduo é ainda refém das determinações da Vontade e busca criar, através da subjetividade, uma meta-realidade que nada mais é do que ilusão.

Não obstante, demonstra Schopenhauer, que pela contemplação estética, e mais especificamente através da música, pode-se atingir a condição de sujeito, pois que nesta situação, apesar de momentânea, o ser humano abandona sua condição de ser no mundo. Mas como a contemplação estética é efêmera, há necessidade de um desligar-se do mundo. Com isso, mais uma vez retomou-se a importância da dimensão ascética para que o ser humano desfrute de sua liberdade.

Na condição de liberdade, mostrou-se que o ser humano torna-se um com o mundo, pois que distanciado de sua individuação, assimila o mundo como um todo. Ele torna-se indiferente às questões mezinhas, às ofensas, ao sofrimento mesmo. Nesta condição, o ser humano, embora inserido no mundo, passa a viver fora do mundo, de modo que se posta acima de sua própria essência, a Vontade; ele pode então viver intensamente a liberdade.

Ao vivenciar a liberdade, o ser humano, já que distante de qualquer determinação da Vontade, de qualquer sofrimento, de qualquer embaraço ou empecilho, pode, também, experienciar a verdadeira felicidade. Não uma felicidade mundana, que se confunde com um método de convivência social, mas a felicidade proporcionada pela própria liberdade.

ABSTRACT

The text seeks to analyze the concept of happiness in the philosophy of Arthur Schopenhauer. In order to do so, one returns to the understanding of freedom and, therefore, to its greatest obstacle: the Will, identified by the philosopher as essence or the Kantian thing-in-itself. Thus, the study explores the use of asceticism, a tool used for the suppression of the Will, as well as its variant: aesthetic contemplation. It highlights the difference between the individual and the subject of knowledge, a fundamental condition for reaching the ascetic dimension. With the suppression of the Will, the text then turns to discourse on happiness, its primary objective.

Keywords: Happiness, Freedom, Will, Asceticism.

Referências

CACCIOLA, Maria Lúcia M. Oliveira. **Schopenhauer e a Questão do Dogmatismo**. São Paulo: EDUSP, 1994.

MONTEIRO, Fernando J. S. **10 lições sobre Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PERNIN, Marie-José. **Schopenhauer: Decifrando O Enigma do Mundo**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ser feliz**. Tradução: Marion Fleisher e Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **De la Cuádruple Raiz del Principio de Rázon Suficiente**. Traducción: Leopoldo Eulogio Palacio. Madrid: Gredos, 1989.

_____. **O Mundo como Vontade e Representação**. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.